

Universidade de São Paulo - USP  
Universidade Federal de São Carlos - UFSCar  
Universidade Estadual Paulista - UNESP



# **A Exploração de Questões de Estilo do Português Para a Realização Superficial Automática**

Alice Picon Espina

Mauricio José Carvalho de Bem

Lucia Helena Machado Rino

NILC-TR-02-16

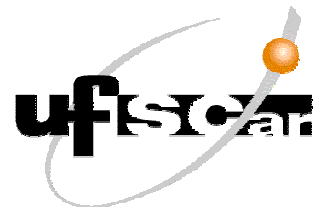
Setembro, 2002

Série de Relatórios do Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional  
NILC - ICMC-USP, Caixa Postal 668, 13560-970 São Carlos, SP, Brasil

## Resumo

Neste relatório apresentamos uma síntese de um estudo sobre características de estilo do português, visando a construção de um realizador superficial automático. São descritas as principais figuras de estilo, com ilustrações que evidenciam a necessidade de considerar tanto informações lexicais quanto informações sintáticas para a produção de sentenças de estilo variado.

Este trabalho conta com o apoio financeiro da FAPESP e do CNPq



# Índice

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>2. CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO .....</b>	<b>1</b>
2.1. A EXPLORAÇÃO DE QUESTÕES DE ESTILO NA SUMARIZAÇÃO AUTOMÁTICA ...	2
2.2. A EXPLORAÇÃO DE VARIAÇÕES ESTILÍSTICAS NA REALIZAÇÃO SUPERFICIAL AUTOMÁTICA.....	3
<b>3. ESTILÍSTICA: DEFINIÇÃO E CLASSIFICAÇÃO.....</b>	<b>4</b>
3.1. ESTILÍSTICA FÔNICA .....	4
3.2. ESTILÍSTICA LÉXICA .....	4
3.2.1. <i>Séries sinonímicas</i> .....	5
3.2.2. <i>Polissemia</i> .....	5
3.2.3. <i>Homônimos e parônimos</i> .....	6
3.3. ESTILÍSTICA SINTÁTICA .....	6
<b>4. FIGURAS DE LINGUAGEM .....</b>	<b>7</b>
4.1. FIGURAS DE SINTAXE .....	7
4.2. FIGURAS DE ESTILO.....	12
4.2.1. <i>Figuras de palavras</i> .....	12
4.2.2. <i>Figuras de pensamento</i> .....	14
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>16</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>18</b>

## **1. Introdução**

Este relatório trata de um assunto de suma importância no uso de qualquer língua natural: estilo. O estilo é a maneira pela qual um indivíduo consegue fazer com que a “língua” que ele fala seja entendida por um outro indivíduo, pela seleção de alguns dos recursos que a língua natural lhe oferece. Cada um de nós pode utilizar tais recursos da maneira que melhor lhe convier: o culto pode preferir um vocabulário rebuscado, aparatoso; já um outro indivíduo pode preferir utilizar a expressão direta, com vocabulário comum.

Estudaremos aqui alguns conceitos da estilística, suas subdivisões e algumas das figuras de linguagem mais comumente utilizadas em nossa língua natural. Faremos também uma breve explanação de como o objeto desse relatório (estudo de lingüística) será utilizado em dois trabalhos de Iniciação Científica (IC) desenvolvidos no DC/UFSCar (a serem descritos na próxima seção), no contexto da Lingüística Computacional.

O relatório encontra-se organizado da seguinte forma: na Seção 2 falaremos do objetivo do estudo realizado, dando uma visão geral do modo como os trabalhos de IC utilizam informações estilísticas para a modelagem computacional. Na Seção 3 encontramos a conceituação de estilística; na Seção 4 descrevemos figuras variadas de linguagem – de sintaxe e estilo. Por fim, na Seção 5, apresentamos algumas considerações finais.

## **2. Contextualização do estudo**

A motivação para o estudo de questões de estilo do português, no contexto da realização superficial automática, deve-se à necessidade de tomar decisões sobre vocabulário e estrutura gramatical, sendo ambos dependentes do estilo que o escritor pretende associar ao seu texto. Assim, uma mesma mensagem pode ser expressa na forma textual de diversas maneiras. Se tomarmos, por exemplo, a intenção existente em provérbios, que, geralmente, é advertir quanto a um comportamento, as sentenças S1 e S2 abaixo podem ser a expressão lingüística dessa mensagem, muito embora tenham estilos diferentes e utilizem recursos da língua variados.

S1: Quem tem telhado de vidro, não joga pedra no do vizinho.

S2: Quem está sujeito a críticas não tem o direito de censurar o comportamento alheio.

Dois trabalhos de IC têm como foco variações dessa natureza. Um deles, visando decisões relativas à Sumarização Automática de sentenças; o outro, visando simplesmente a interferência da especificação de uma norma estilística nas escolhas superficiais, conforme descrevemos a seguir.

## **2.1. A exploração de questões de estilo na Sumarização Automática**

Este projeto de IC, intitulado “Um protótipo de sumarização automática com base em decisões estilísticas”<sup>1</sup>, tem por objetivo explorar como variações de estilo do português influem em decisões de sumarização automática. Para tanto, propõe-se a construção de um protótipo de sumarização automática para um conjunto restrito de construções lingüísticas do português, que permite ao usuário escolher qual o nível de condensação desejado em seu sumário, com base no estilo que ele pretende expressar em seu texto. Nesse caso, variações de estilo implicarão graus diferentes de sumarização, ou compressão textual. Por exemplo, para a mensagem ilustrada anteriormente, a escolha de um estilo mais formal implicará, em geral, em escolhas mais rebuscadas, tanto lexicais quanto sintáticas. A sentença S2 ilustra tal estilo. Se considerarmos, agora, restrições de sumarização, devemos buscar variações lingüísticas que permitam, por exemplo, condensar S2. Em nosso protótipo, variações desse tipo são dependentes de variações de estilo. Por exemplo, em geral, expressar S2 de modo menos formal implicará escolhas que levem a sentenças mais curtas, como a sentença S1. Assim, podemos identificar que, dado o estilo formal expresso em S2, uma forma de condensá-la será escolher o estilo menos formal que delineará as escolhas de vocabulário ou de estrutura que indiquem sua sumarização.

A proposta deste trabalho de IC é assim identificar:

- a) os estilos possíveis de escrita;
- b) a correspondência entre cada estilo e suas formas lingüísticas no português;
- c) a dependência entre variações estilísticas e decisões de sumarização automática.

Para identificar tais características, a metodologia adotada é baseada em exemplos, da seguinte forma: a partir de um conjunto pré-determinado de textos, são identificadas características lingüísticas associadas às diversas figuras de estilo (descritas na Seção 4). São identificadas, ainda, as diferenças lingüísticas que indicam graus diversos de sumarização, para, a partir delas, traçar a dependência mencionada no item (c) acima. Dessa forma, podem ser criadas as regras de mapeamento estilístico entre opções de sumarização e opções de estilo, ambas delineadas pelo usuário do sistema.

As questões de estilo apresentadas neste relatório serviram, assim, para criar o repositório de regras de mapeamento entre decisões estilísticas e decisões de sumarização, recurso este fundamental para a construção do protótipo proposto.

---

<sup>1</sup> Processo Fapesp Nº 01/06173-7.

## **2.2.A exploração de variações estilísticas na realização superficial automática**

Este projeto de IC chama-se “Um protótipo de realizador superficial para decisões de estilo no português”<sup>2</sup> e tem por objetivo verificar como as variações de estilo influem nas construções lingüísticas e na posterior realização superficial, conforme já mencionamos. Sua proposta é mais abrangente que a anterior, pois esse estudo não está restrito a características de sumarização. Assim, poderíamos pensar, simplesmente, que há várias possibilidades de escolhas lingüísticas, sejam elas de natureza lexical ou estrutural, e o sistema terá, simplesmente, a função de:

- a) Identificar as características estilísticas de uma determinada entrada;
- b) Identificar possíveis variações a partir das mesmas;
- c) Propor saídas que expressem tais variações.

Da mesma forma que no projeto antes descrito, a metodologia deste trabalho é baseada em exemplos textuais, para determinar um conjunto restrito de construções lingüísticas do português. Porém, os textos analisados não são coincidentes e tampouco coincidem as construções em foco, para a manipulação de decisões de estilo.

Neste projeto, também é considerado que o recurso fundamental do protótipo construído será o conjunto de regras de mapeamento estilístico, porém, agora, tais regras servem para mapear o estilo reconhecido na entrada em um ou mais estilos distintos, de forma irrestrita. Assim, a única condição é que sejam observadas as regras especificadas como recurso lingüístico do sistema. Desse modo, tanto valeriam como realização superficial correspondente à sentença de entrada S1, antes descrita a produção da sentença S2, quanto o inverso, isto é, dada a entrada S2, seria possível que o protótipo produzisse também a sentença S1. Seria ainda possível que a sentença S3, dada abaixo, fosse produzida, a qual, embora de tamanho igual a S1, apresenta variação estilística (de, por exemplo, mais formal para menos formal)<sup>3</sup>.

S3: Quem tem telhado de vidro, não taca pedra no do vizinho.

Apesar de termos ilustrado, nesta seção, variações estilísticas considerando o nível de formalidade associado a figuras de estilo, o estudo apresentado a seguir não faz essa distinção. Antes, ele sintetiza o que existe na literatura sobre questões estilísticas do português, focalizando somente as definições lingüísticas. O foco deste relatório é, portanto, o estudo lingüístico em si, como subsídio para a prototipação dos sistemas mencionados. É este foco que será explorado nas seções seguintes.

---

<sup>2</sup> Projeto PIBIC/CNPq.

<sup>3</sup> Vale notar que esses exemplos são fictícios, já que o corpus de textos utilizados neste projeto é distinto do corpus utilizado no outro.

### 3. Estilística: Definição e Classificação

A estilística pode ser considerada um complemento da gramática. Enquanto esta estuda as formas lingüísticas como meio de troca de informações, cabe àquela estudar a expressividade de tais formas. Segundo Rocha Lima (1992), pode-se classificar a estilística em três tipos: fônica, léxica e sintática. Todas elas serão abordadas com detalhes a seguir.

#### 3.1. Estilística Fônica

Na estilística fônica, considera-se que são os fonemas que podem receber valorização estilística. Por exemplo, é possível denotar impaciência foneticamente.

Apresentamos abaixo algumas formas de estilo fônicas sugeridas por Rocha Lima (1992), juntamente com suas correspondentes definições e ilustrações<sup>4</sup>.

- **Onomatopéia:** Capacidade especial que certos sons lingüísticos (ou o agrupamento deles) têm para imitar ou sugerir determinados ruídos naturais (cricri, tic-tac etc).

Ex: ‘O mato - vozinha mansa - *aeiouava*.’ (Guimarães Rosa)

- **Reiteração de fonemas:** Combinação ou repetição de fonemas iguais ou semelhantes no curso da cadeia sonora, com finalidade imitativa, que pode provocar aos nossos ouvidos, por exemplo, “encantamento”.

Ex: ‘Fogem fluidas, fluindo à fina flor dos fenos.’ (Eugênio de Castro)

- **Evocação sonora:** Tenciona despertar emoção sem apelar apenas à expressividade dos fonemas e sim, principalmente, fazendo a adequação verbal às “imagens mentais” que o autor deseja evocar.

Ex: ‘E o céu da Grécia, torvo, carregado, *rápido, o raio, rútilo, retalha*.’  
(Raimundo Corrêa)

#### 3.2. Estilística Léxica

A estilística léxica trata do sentido das palavras, ou seja, da função representativa da linguagem e, geralmente, pode ser subdividida em suas características denotativas e conotativas.

De acordo com Garcia (1995, p.161), “A *denotação* é o elemento estável da significação de uma palavra, elemento não subjetivo e analisável fora do contexto, ao passo que a *conotação* é constituída pelos elementos subjetivos, que variam segundo o contexto.”.

Assim, quando se usa denotação, emprega-se o sentido “próprio” da palavra, ou seja, não metafórico (ver seção 3.2.1) e não figurado; ela é entendida independentemente de interpretações individuais, de natureza afetiva ou emocional, e

---

<sup>4</sup> Os fonemas indicativos de estilo fônico são apresentados em itálico.

seu significado não está condicionado a experiências ou vivências do receptor. Vejamos um exemplo com a palavra “padrasto” em seu sentido denotativo.

Ex: Minha mãe casou-se com outro homem, que acabou tornando-se um bom *padrasto* pra mim.

Já quando usamos o caráter conotativo, podemos ter múltiplos significados para uma mesma palavra. Ou seja, a palavra não remete a um objetivo específico, mas sugere, por associação, outra(s) idéia(s) de ordem abstrata, de natureza afetiva ou emocional. Utilizando a palavra *padrasto* do exemplo anterior, podemos ter, assim, a seguinte expressão, que altera sua conotação natural:

‘Adeus, universo *padrasto*,  
Que rejeitas o inocente,  
O órfão, o pobre, o nu.’

Na conotação podemos ter as séries sinonímicas e, na denotação, a polissemia. Falaremos de ambas a seguir, bem como de mais um fator que remete à estilística léxica e influencia a escolha das palavras durante a escrita: os homônimos e parônimos.

### 3.2.1. Séries sinonímicas

Raramente duas palavras têm exatamente o mesmo significado, como “bruxo e feiticeiro, diabo e demônio”. Geralmente, há alguma diferença que faz com que uma determinada palavra se encaixe melhor em um contexto do que outra. Assim, em vez de tratarmos de sinônimos, trataremos de séries sinonímicas. Geralmente, cabe à conotação a escolha do termo adequado de tais séries.

Séries sinonímicas são grupos de palavras que têm uma significação geral comum, porém, distinguem-se por algumas idéias particulares e podem ser empregadas em diferentes situações. Podemos tomar como exemplo as palavras *cara*, *rosto*, *face* e *fisionomia*. Todas querem dizer a mesma coisa, porém, elas se aplicam a diferentes contextos. *Cara* é uma forma mais grosseira de dizer; *rosto* já é mais delicado; *face* já nos soa como linguagem culta; *fisionomia* é empregada quando queremos remeter aos sentimentos expressos no rosto de uma pessoa.

### 3.2.2. Polissemia

Polissemia (de poli = muitos; semia = significado) é o fenômeno pelo qual uma palavra vai adquirindo vários significados. Vimos que em séries sinonímicas temos várias palavras com significados comuns, já aqui temos uma palavra com significados diferentes. Temos como exemplo o substantivo *cabeça*, nas sentenças abaixo. A palavra é a mesma, porém com sentido de: membro do corpo, “indivíduo mais inteligente”, memória.

A *cabeça* une-se ao tronco pelo pescoço.  
Ele é o *cabeça* da rebelião.  
Sabrina tem boa *cabeça*.



### 3.2.3. Homônimos e parônimos

Homônimos são aquelas palavras, que, apesar de terem significados diferentes, foneticamente são iguais, como nos exemplos abaixo:

Cabo – tanto pode ser posto militar como acidente geográfico;

Real – pode ser verdadeiro ou referente a rei;

Alguns homônimos têm os mesmo fonemas, mas são escritos de forma diferente. Neste caso, são denominados *homófonos*.

Ex: espiar e expiar; insipiente e incipiente; maçã e massa

Outras formas que indicam variações estilísticas léxicas se referem aos parônimos, que são palavras que têm forma parecida, mas que costumam ser confundidas.

Ex: descrição e discrição; ratificar e retificar

### 3.3. Estilística sintática

A estilística sintática nos mostra como podemos mudar o sentido das frases, fazendo com que as mesmas tenham sentido afetivo evidente. Segundo Rocha Lima (1992, p. 488), “Um dos casos mais notórios da impregnação afetiva da frase é a *mudança de tratamento* – com a qual se assinala inesperada mudança de atitude do sujeito falante em relação ao ouvinte.”.

Discutiremos aqui alguns dos recursos sintáticos utilizados para dar sentido afetivo à frases.

- **Anacoluto**: Interrupção na seqüência lógica da oração, prosseguindo a frase de outra maneira. Assim, o início, que se apresenta desligado logicamente, antecipa uma idéia e lhe dá realce. Exemplos:

“Olha: *eu*, até de longe, com os olhos fechados, *o senhor não me engana.*”

(Guimarães Rosa)

‘*E o desgraçado*, tremiam-lhe as pernas, sufocando-lhe a tosse.’

(Garret)

- **Infinitivo Flexionado**: Em alguns casos, encontra-se o infinitivo flexionado com a intenção de dar sentido apelativo a frase. Exemplo:

“*Queres* ser mau filho, mau amigo, *deixares* uma nódoa d’infâmia na tua linhagem?”

(Alexandre Herculano)

- **Colocação dos Pronomes Átonos:** No mesmo caso citado acima encontramos os pronomes oblíquos. Podemos dar como exemplo o fato, de que, “na linguagem cotidiana, a próclise é de regra com a partícula *me* em frase imperativa: ‘Me dá isso!’. É assim que se consegue pôr estilisticamente *me* realce a própria pessoa, numa afirmação da tensão psíquica e da vontade”, (Câmara Jr.<sup>5</sup>).
- **Interrogação:** Também a interrogação pode ser utilizada com sentido apelativo. Um exemplo é quando empregamos a locução idiomática *é que*, colocando em evidência o termo pelo qual queremos perguntar.

Que *é que* você deseja?  
A quem *é que* tu amas?  
Quando *é que* os teus amigos chegarão?

Estudamos aqui a expressividade das formas lingüísticas – como dito no início da seção – e na próxima seção veremos quais recursos da linguagem (figuras de linguagem) podem ser utilizados para darmos um toque pessoal a forma como nos comunicamos em nossa língua.

## 4. Figuras de linguagem

Pode-se dizer que as figuras de linguagem são “certas maneiras de dizer que expressam o pensamento ou o sentimento com energia e colorido, a serviço das intenções estéticas de quem as usa” (Rocha Lima, 1992, p. 500). São recursos presentes na linguagem, utilizados por autores para dar ao seu estilo um jeito próprio, que pode ser vivaz e belo, exagerado ou normal etc.

De acordo com o efeito desejado e o público a que determinados escritos se destinam, pode-se abusar das diferentes figuras de linguagem.

Estudaremos dois tipos de figuras de linguagem: as de sintaxe e as de estilo.

### 4.1. Figuras de sintaxe

As figuras de sintaxe são abordadas aqui devido à sua relação com figuras de estilo: um determinado estilo de escrita pode delinear escolhas estruturais específicas. Por essa razão, a gramática de uma língua natural deve refletir a variedade de escolhas que permitirá a riqueza estilística na expressão textual.

A nossa gramática aponta alguns princípios que regem as relações de ordem e de dependência das palavras em uma oração. Em geral, tais princípios são definidos a partir dos aspectos lógicos e gerais observáveis na norma culta da língua. Porém, tais aspectos não são exclusivos ou não ambíguos, isto é, não há aspectos associados exclusivamente a uma norma de uso da língua, o que dificulta sua identificação e, o que é mais importante em nosso trabalho, sua associação com questões de estilo.

---

<sup>5</sup> Joaquim Matoso Câmara Jr., *Contribuição para uma estilística da língua portuguesa*, cit., p. 57.

Dentre os fatores que interferem na identificação e associação de figuras de sintaxe a figuras de estilo encontram-se a regência, a concordância e o posicionamento de palavras ou orações em determinado contexto. A tais alterações damos o nome de figuras de palavras, dentre as quais destacamos (André, 1990):

➤ **Silepse:**

É a concordância feita com a idéia subentendida e não com a forma, ou com a palavra expressa. Seguem-se alguns exemplos dos três tipos de silepse existentes:

a) Silepse de gênero:

‘Está *uma* pessoa servindo missa, meia hora *o* cansa.’  
(Pe. Manuel Bernardes)  
Moramos na *agitada* São Paulo.

b) Silepse de número:

‘Antes *sejamos* breve que *prolixo*.’  
(João de Barros)  
*Esta gente* está nervosa, *capazes* de tudo.

c) Silepse de pessoa:

‘*Os portugueses* somos do ocidente...’  
(Camões)  
*Os brasileiros* somos pessoas sem-vergonha.

➤ **Elipse:**

Consiste na omissão de termos em uma frase que, entretanto, podem ser facilmente subentendidos. Exemplos:

‘Na rua deserta, nenhum sinal de bonde.’  
(Clarice Lispector)  
Quanta maldade na Terra.

Tanto no primeiro quanto no segundo exemplos temos a omissão do verbo haver, sendo que no primeiro caso temos a omissão do verbo na forma negativa e no segundo caso temos a omissão do verbo na forma afirmativa.

Um caso especial de elipse é o *zeugma*, que acontece quando há omissão de um termo anteriormente expresso na mesma sentença, como nos exemplos abaixo:

‘Nem ele entende a nós, nem nós a ele.’  
(Camões)  
Marta trabalhou durante vários dias e ele, durante horas.

➤ **Pleonasma ou redundância:**

É a repetição – desnecessária – de uma idéia, com objetivo de realce. Pode ter efeito positivo ou negativo. Quando usada grosseiramente (pleonasma vicioso), pela ignorância do real significado de uma palavra, tem efeito negativo. Quando proposital, como recurso expressivo, enriquece o texto. Por exemplo:

Exemplos negativos:

A professora irá *reler* a prova *de novo*.

Fiquei desesperada, pois ele estava tendo uma terrível *hemorragia de sangue*.

Exemplos positivos:

Posso afirmar que *escutei com meus próprios ouvidos* aquela declaração fatal.

‘Cada qual busca *salvar-se a si próprio*.’

(Herculano)

➤ **Anáfora:**

De acordo com (André, 1990, p. 368): “É a repetição de palavra ou frase no princípio de vários versos (ou orações, ou períodos).”, como nos exemplos abaixo:

*Ela* trabalha, *ela* estuda, *ela* é mãe, *ela* é pai, *ela* é tudo!

‘*É preciso* casar João,  
*É preciso* suportar Antônio,  
*É preciso* odiar Melquíades,  
*É preciso* substituir nós todos.’

(Drummond)

➤ **Polissíndeto:**

É a repetição enfática do conectivo, como em:

Estudou *e* casou *e* trabalhou *e* trabalhou...

‘Suspira, *e* chora, *e* geme, *e* sofre, *e* sua...’

(Bilac)

➤ **Anástrofe:**

Consiste em escrever uma oração com os termos invertidos. Pode-se dizer que há inversão quando qualquer termo está fora da ordem direta, fora da sua posição normal ou habitual. A inversão pode dar às orações efeitos de ênfase, realce ou relevo. Exemplos:

*O homem*, fê-lo Deus à sua imagem e semelhança.

*O sacrifício*, faremos; *a vitória*, alcançaremos.

➤ **Ambigüidade ou Anfibologia**

É o uso da oração com duplo sentido, de má ordenação nos termos. Exemplos:

O cachorro do seu irmão avançou sobre o amigo.

Eu comprei sapatos para homens pretos.

➤ **Arcaísmo**

É o uso de palavras ou expressões que já não pertencem ao idioma atual.

Exemplos:

*Senhóra* (em vez de senhora)

*Arreio* (em vez de enfeite)

➤ **Cacofonia**

É a aproximação de palavras que causam mau impacto sonoro, provocando um sentido obscuro ou ridículo. Exemplos:

*A boca dela* está machucada.

Seu time nunca *marca gol*.

➤ **Colisão**

É a seqüência marcada por sons consonantais iguais ou semelhantes. Exemplos:

Sua saia saiu suja da máquina.

O rato roeu a roupa do rei de Roma.

➤ **Eco**

É a repetição desagradável de fonemas no final das palavras da oração. Exemplos:

A decisão da eleição não causou comoção na população.

Vicente já não sente dor de dente como antigamente.

➤ **Estrangeirismo**

É a utilização de palavras que não pertencem ao idioma nacional. Os estrangeirismos mais presentes na nossa língua são: Anglicismo (palavras de origem inglesa), Galicismo (palavras de origem francesa) e Italianismo (palavras de origem italiana). Exemplos:

<b>Anglicismo</b>	<b>Galicismo</b>	<b>Italianismo</b>
<i>Hot dog</i>	<i>Carnet</i>	<i>Bambino</i>
<i>Shopping</i>	<i>Menu</i>	<i>Fiasco</i>

➤ **Hiato**

É a aproximação de sons de vogais iguais. Exemplos:

Traga *a água ainda agora*.

Ela *assava a asa da ave*.

➤ **Neologismo**

Consiste na criação desnecessária de palavras novas. Exemplos:

*Imexível, sambódromo.*

➤ **Plebeísmo**

É o uso de palavras ou expressões de uso da plebe. Exemplos:

Aquele cara é um *babacão*.

Vou *puxar* o carro agora mesmo.

➤ **Preciosismo**

É a exagerada delicadeza no falar e escrever, prejudicando a clareza. Exemplos:

Evolou-se aos páramos etéreos a alma da imaculada donzela.

(A moça faleceu.)

Na pretérita centúria, meu progenitor presenciou o acasalamento do astro-rei com a rainha da noite.

(No século passado meu avô assistiu ao eclipse.)

➤ **Corruptela**

É a palavra que, por abuso, se escreve ou pronuncia erradamente.

Um brasileiro *inpoliticamente* incorreto viu o índio.

➤ **Coloquialismo**

É o estilo em que se usam vocabulário e sintaxe bem aproximados da linguagem do dia-a-dia.

Ligue grátis *pra* Claudette.

➤ **Gíria**

Linguagem que, nascida num determinado grupo social, termina estendendo-se, por sua expressividade, à linguagem familiar de todas as camadas sociais.

Adorei o *repeteco* da Cultura.

➤ **Adequação lexical**

Palavra que não está lexicalmente bem empregada.

Minha conta fica *obesa* quando estamos longe

➤ **Uso das locuções prepositivas**

‘Às custas de’ deve sempre ser trocado por ‘à custa de’.

Cresceram *às custas de* São Paulo

➤ **Uso do comparativo**

O uso do comparativo freqüentemente é empregado em contextos em que não se pretende comparar nada, como é o emprego de ‘maiores’ no exemplo abaixo.

*Maiores* informações podem ser obtidas na Tecnovídeo.

## **4.2. Figuras de estilo**

As figuras de estilo consistem em recursos que ajudam a língua a se tornar mais rica. Dividem-se em figuras de palavras (ou tropos) – quando se dá um novo dimensionamento ao sentido lógico da palavra, expressando a capacidade de comunicar novas idéias e emoções – e figuras de pensamento – quando toda a frase recebe “novo dimensionamento” (André, 1990). As figuras de estilo são detalhadas a seguir.

### **4.2.1. Figuras de palavras**

➤ **Metáfora:**

Consiste no emprego de um determinado termo com um sentido que lhe é associado por força de uma comparação de ordem subjetiva. Tal comparação não fica evidente na frase, mas subentendida. “A metáfora apóia-se numa relação de similaridade, encontrando o seu fundamento na mais natural das leis psicológicas: a associação de idéias. Assim, ela transporta o nome de um objeto a outro, graças a um caráter qualquer comum a ambos...” (Rocha Lima, 1992, p. 502). Bühler (1950) nos lembra que “A metáfora é um dos meios mais importantes para a criação de denominações de complexos de representações para os quais não existem ainda denominações adequadas” (p. 388). Vejamos alguns exemplos:

‘despertam de súbito, ao *alagamento* tépido *da luz*, as culturas adormecidas...’

(Vergílio Várzea)

‘Esbraseia o ocidente *na Agonia*  
O Sol... Aves, em bandos destacados,  
Por *céus de ouro e de púrpura raiados*,  
Fogem... *Fecha-se a pálpebra do dia*...’

(Raimundo Correia)

➤ **Metonímia e sinédoque:**

Optamos por colocar a metonímia e sinédoque juntas neste relatório porque a distinção entre ambas é muito sutil e alguns autores não concordam com sua conceituação. Lausberg (1936) ensina que elas se baseiam em uma relação real, não comparativa, como é o caso da metáfora. Diz-se que, na metáfora, tal relação é qualitativa, e na sinédoque, quantitativa. Já Magne (1953) define a metonímia como “a substituição de um nome por outro em virtude de uma relação extrínseca, que é a que existe entre duas partes de um mesmo todo, ou duas modalidades de uma mesma coisa” (p. 565) e a sinédoque como “a figura que alarga ou restringe o sentido normal de uma palavra” (p. 82). Alguns exemplos de metonímia são dados a seguir:

- a) O autor pela obra. Ex: Gosto de ler *Camões*.
- b) O continente pelo conteúdo. Ex: Conseguiria comer toda a *marmita*.
- c) A causa pelo efeito e vice-versa. Ex: ‘Porém já cinco *sóis* eram passados...’ (Camões)
- d) O lugar e o produto do lugar. Ex: Fumei um saboroso *havana*.
- e) O instrumento e a pessoa que o utiliza. Ex: Sempre fui um bom *garfo*.

Exemplos de sinédoque:

- a) A parte e o todo. Ex: As armas e os barões assinalados  
Que, *da Ocidental praia Lusitana (...)*. (Camões)
- b) O gênero e a espécie. Ex: Os *mortais* pensam e sofrem neste mundo.
- c) O singular e o plural. Ex: O *brasileiro* é sempre gentil e hospitaleiro.

➤ **Antonomásia:**

É a designação de uma pessoa pela qualidade ou circunstância que a caracterizam, e não por seu nome. Exemplo:

*O Poeta dos Escravos* morreu na flor dos anos.

➤ **Catacrese:**

Emprego de dois termos cujo relacionamento aparentemente é contraditório ou fundamentado em semelhança acidental e remota. Ainda assim, tais termos mantêm-se ligados por força do esvaziamento do sentido de um deles. Exemplo:

*Montou a cavalo* num cabo de vassoura e desapareceu.



#### 4.2.2. Figuras de pensamento

➤ **Antítese:**

Consiste no emprego de palavras ou frases de significados opostos. Exemplo:

‘*Amigos e inimigos* estão, amiúde, em posições trocadas. Uns nos querem *mal*, e fazem-nos o *bem*. Outros nos almejam o *bem*, e nos trazem o *mal*.’

(Rui Barbosa)

➤ **Apóstrofe ou interpelação:**

Interpelação ou invocação enfática de ouvinte ou leitor, de seres reais ou imaginários, que podem estar ausentes ou presentes. Exemplos:

‘Sabeis, *cristãos*, sabeis, *príncipes*, sabeis, *ministros*, que se vos há de pedir estreita conta do que fizestes, mas muito mais do que deixaste de fazer.’

(Antônio Vieira)

‘Não basta inda de dor, *ó Deus terrível!*?’

(Castro Alves)

➤ **Ironia ou antífrase:**

Forma intencional de dizer o contrário da idéia que se pretendia exprimir, com intenção de crítica ou desprezo. Quando a ironia é ofensiva (2º exemplo), diz-se sarcasmo. Exemplos:

‘A *excelente* Dona Inácia era mestra na arte de judiar das crianças.’

(Monteiro Lobato)

‘*Olá!* Tu que destróis o templo de deus e os reedificas em três dias, livra-te a ti mesmo, descendo da cruz.’

(São Marcos)

➤ **Gradação:**

É a colocação de palavras em ordem ascendente ou descendente, com a intenção de expressar uma idéia por meio de palavras sinônimas ou não. Exemplos:

Eu era *pobre*, era *subalterno*, era *nada*.

‘Tudo cura o tempo, tudo faz esquecer, tudo *gasta*, tudo *digere*, tudo *acaba*.’

(Antônio Vieira)

➤ **Perífrase:**

Na perífrase, a intenção é dizer uma determinada palavra, sem, no entanto, mencionar seu “nome”. Para tal, utiliza-se de outras palavras que sejam características daquela, como nos seguintes exemplos (o primeiro, referindo-se à língua portuguesa; o segundo, à luxúria):

‘Última *flor do Lácio* inculta e bela  
És a um tempo esplendor e sepultura.’

(Olavo Bilac)

‘O *vício que perdeu Salomão* também o perdeu.’

(Antônio Vieira)

➤ **Hipérbole:**

Com o objetivo de obter maior expressividade, utiliza-se de expressões intencionalmente exageradas.

‘Aquele rei procurou unir *quanta gente a terra produzira*, a fim de conquistar o país.’

(Vitório Bergo)

Estou *morrendo* de cansaço.

➤ **Eufemismo:**

Uso de palavras suaves, nobres ou menos agressivas para atenuar algum fato ou expressão, geralmente triste, chocante ou desagradável.

Depois de algum tempo, *entregou sua alma ao senhor*.

‘*Tirar Inês ao mundo* determina,  
Por lhe tirar o filho que tem preso...’

(Camões)

➤ **Lilote:**

Pode ser considerada uma variação do eufemismo, pela afirmação que utiliza a negação do contrário. Exemplos:

‘Tu *não estás bom*, José Rodrigues.’

(Machado de Assis)

Percebo que ele não é bobo.

➤ **Comparação ou símile:**

Aproximação de dois elementos que podem ser comparáveis pelo uso de conectivos comparativos, tais quais: como, feito, tal qual, que nem... Exemplos:

‘Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os *cabelos* mais negros que a *asa da graúna* e mais longos que seu *talhe de palmeira*. O *favo da jati* não era tão doce como o *seu sorriso*, nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.’

(José de Alencar)

➤ **Paradoxo ou oxímoro:**

Pode ser considerado uma reunião de idéias contraditórias em apenas um pensamento, fazendo com que se diga verdades com aparência de mentiras. Pode-se dizer que o paradoxo aproxima-se da antítese, mas, em vez de opor, aproxima idéias. Exemplos:

‘... é *dor* que desatina *sem doer*...’

(Camões)

‘Estou *cego* e *vejo*.’

(Carlos Drummond de Andrade)

## 5. Considerações finais

Na Seção 2 descrevemos as principais motivações da utilização de características estilísticas para tomar decisões durante o processo de realização superficial de textos.

Dentre as figuras de linguagem apresentadas na seção anterior, elegemos algumas delas para propor o tratamento computacional de cada protótipo.

O corpus proposto para o trabalho descrito em 2.1 é composto por textos. Tivemos, então, a preocupação de selecionar aqueles que fossem ricos em exemplos de figuras de linguagem. Porém, houve certa dificuldade em encontrá-los e, após extensa investigação, optamos por selecionar textos do caderno *FolhaTeen* do Jornal Folha de São Paulo, extraídos do corpus do NILC<sup>6</sup> (Kuhn et al., 2000). Pelo fato de esse caderno ser direcionado a jovens, a linguagem é bastante informal e rica em exemplos. Seguem abaixo alguns exemplos retirados dos textos em questão, juntamente com a descrição do “desvio” lexical encontrado:

1. Elipse: omissão do verbo gravar.

Sepultura começa disco novo em janeiro.

2. Metáfora: substituição de jogue com honestidade, sem violência, por jogue limpo.

Jogue limpo no esporte.

3. Paradoxo: utilização de “bem ruim”.

Isso é bem ruim para o esporte.

O corpus proposto para o trabalho descrito em 2.2 é composto por sentenças. Tivemos, então, a preocupação em selecionar aquelas que possuísem exemplos de desvios das figuras de linguagem. Também não foi fácil encontrá-las, mas optamos por explorar também o Jornal Folha de São Paulo, considerando que a linguagem desse

---

<sup>6</sup> Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional (<http://nilc.icmc.sc.usp.br>).

jornal, por visar uma audiência de leitores abrangente, poderia ser rica o suficiente para nos fornecer as figuras desejadas. Seleccionamos textos de somente alguns cadernos, como por exemplo, da TV Folha, do Caderno Especial, do caderno Veículos, da Ilustrada e do caderno Esporte. Esse material também foi extraído do corpus de textos corrigidos do NILC. Seguem abaixo alguns exemplos retirados do corpus, juntamente com sua descrição do “desvio” lexical encontrado:

1. Estrangeirismo:

Thunderbird inaugura a nova programação teen.

2. Gíria:

Adorei o repeteco da Cultura.

3. Coloquialismo:

Ligue grátis prá Claudette.

A partir do estudo apresentado neste relatório, demos prosseguimento à especificação dos recursos lingüísticos de ambos os protótipos descritos na Seção 2.

## Referências bibliográficas

- André, H. A. de (1990). *Gramática Ilustrada*. Editora Moderna (4ª ed.). São Paulo.
- Buhler, Karl (1950). *Teoría del lenguaje*. Trad. Esp. de Hermann Paul. Revista de Occidente. Madrid.
- Garcia, Othon M. (1995). *Comunicação em prosa moderna*. Editora Fundação Getúlio Vargas (16ª ed.). Rio de Janeiro.
- Kuhn, D., Abarca, E., Nunes, M.G.V. (2000). *Corpus NILC - Situação em Maio/2000*. Série de Relatórios Técnicos do NILC, NILC-TR-00-7. Junho, 32p.
- Lausberg, Heinrich (1936). *Manual de retórica literária*. Trad. Esp. de José Peres Riesco. Ed. Gredos (3ª ed.). Madrid.
- Magne, Augusto (1953). *Princípios elementares de literatura*. Cia Editora Nacional. São Paulo.
- Rocha Lima, C. H. da (1992). *Gramática normativa da língua portuguesa*. Editora Briguiet (31ª ed.). Rio de Janeiro.

## Referências adicionais

- Centro Educacional da Lagoa, “Figuras de Linguagem” [<http://www.cel-dtec.com.br/fdelinguagem/>].
- Dicionário Prático Michaelis (1998), Versão 5.1. Julho.
- Folha de São Paulo (1987). *Manual Geral de Redação Folha de São Paulo*. Cia. Lithographica Ypiranga (2ª ed.), pp. 67-102. São Paulo.
- Gramática virtual da língua portuguesa, “Gramática da Língua Portuguesa - Fonética” [<http://www.portugues.com.br/estilistica/figuras.asp>].
- Martins, Eduardo (1990). *Manual de redação e estilo O Estado de S. Paulo*. Editora Parma, pp. 83-306. São Paulo.
- “Vícios de Linguagem” [[http://www.falalingua.hpg.ig.com.br/index40\\_vicios.htm](http://www.falalingua.hpg.ig.com.br/index40_vicios.htm)].